

**O sermão de Vieira aos escravos de um engenho da região da
Plataforma do Recôncavo Baiano: dinamismo retórico e construção de
argumentos persuasivos**

Vieira's sermon to the slaves of a mill from the region of Plataforma do
Reconcavo Baiano: retoric dynamism and the construction of persuasive
arguments

Caio César de Carvalho; Marina Massimi

Universidade de São Paulo, campus Ribeirão Preto

RESUMO:

O objetivo deste artigo é a análise da dinâmica retórica e dos conteúdos propostos num sermão proferido por Padre Antônio Vieira aos escravos de um engenho da região da Plataforma do Recôncavo Baiano pertencentes à Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, em 1633, sendo o primeiro sermão pregado pelo jesuíta. Para isso, a História dos Saberes Psicológicos é utilizada como referencial teórico para interpretação após o processo de escolha das imagens a serem analisadas. O sermão discute a questão do bem-comum para os escravos, utilizando-se de elementos clássicos da retórica como a composição de imagens, visando a construção de argumentos persuasivos. A análise aprofunda o uso das imagens no que diz respeito ao seu efeito mobilizador do dinamismo psíquico dos ouvintes e a decorrente força persuasiva no que diz respeito aos argumentos propostos.

Palavras-chave: saberes psicológicos; sermão; escravidão

ABSTRACT:

The objective of this article is to analyze the rhetoric's dynamics and of the content proposed in a sermon given by Father Antonio Vieira to the slaves who were part of the Brotherhood of Our Lady of the Rosary, in a mill in the region of Plataforma do Reconcavo Baiano in 1633. For this, the History of Psychological Knowledge is used as a theoretical reference for interpretation after the process of choosing the images to be analyzed. It was the first sermon preached by the Jesuit and it discusses the issue of the common good for the slaves, using classic elements of rhetoric, such as the composition of images, aiming to build persuasive arguments. The analysis deepens the use of images considering the mobilization of the psychic dynamism of the listeners caused by them and the resulting persuasive force of the arguments proposed.

Key-words: psychological knowledge, sermon, slavery

Introdução

O trabalho se insere num plano de pesquisa mais amplo que tem como intuito resgatar a memória histórica da região que hoje é chamada de Subúrbio Ferroviário de Salvador, periferia de Salvador. Atualmente esta região se encontra imersa em um continuum de marginalização e de violência, sobretudo entre a juventude. Segundo Santos (2010), a inserção na criminalidade é causada pelo processo de desenraizamento e pela falta do sentimento de pertencimento ao seu local natal. Para atenuar tais problemas sociais, esse pesquisador aposta na valorização deste espaço e no fortalecimento do sentimento de pertença, sendo que o conhecimento histórico da região pode contribuir com este objetivo. A importância do processo de reconstrução histórica para o resgate da identidade social de populações marginalizadas é assinalada também por Baró (1998). Este psicólogo social atuou em El Salvador com populações em grande vulnerabilidade social e acreditava que a apropriação do passado através dos estudos históricos pode promover o processo psicossocial de enraizamento e consolidação da identidade dos habitantes de um dado lugar através do resgate do valor histórico daquela mesma região. É neste fato que também reside a importância social da investigação historiográfica, que pode potencializar o sentido de identidade coletiva e o sentimento de pertencimento naqueles que poderão usufruir dos resultados desta pesquisa. Assim, na medida em que reconstrói um período da história da região de Plataforma, este estudo pretende ser uma pequena contribuição para o trabalho de resgate sociocultural que está sendo realizado na região, trilhando um percurso inspirado na perspectiva defendida por Baró.

Dentre as fontes históricas referentes ao mencionado Subúrbio, escolhemos um sermão proferido por Antônio Vieira em 1633 aos escravos do engenho de São João. O Engenho era localizado no espaço hoje chamado de Plataforma, ou Recôncavo Baiano. Trata-se do primeiro sermão pregado pelo jesuíta. A presente pesquisa visa realizar uma análise da dinâmica retórica e dos conteúdos propostos, sendo que o foco geral da peça é a questão do bem-comum, aplicando Vieira esta categoria também para a condição dos escravos. Para tanto, o jesuíta utiliza-se de elementos clássicos da retórica como a composição de imagens e a amplificação dos argumentos, tendo em vista a construção de argumentos persuasivos e a mobilização do dinamismo psíquico dos ouvintes para assimilá-los.

O autor

Padre Antônio Vieira se constitui na historiografia do Brasil Colonial como um dos maiores nomes da pregação jesuítica e como uma das figuras mais relevantes da literatura de língua portuguesa, levando em conta sua grande habilidade em lidar com a oratória e as letras.

Vieira era membro da Companhia de Jesus, um sujeito atuante extremamente significativo na construção cultural e social do Brasil Colonial. Enquanto na Europa a Companhia se voltava para um esforço de síntese da tradição religiosa medieval com os novos ares da visão de mundo renascentista, no Brasil assumiu a missão de formação e cristianização dos povos aqui estabelecidos. Nesse contexto, a Companhia foi responsável pelo primeiro sistema de ensino no país e por criar vários dispositivos culturais e sociais buscando a integração dos povos nativos com a cultura europeia, tais quais as peças teatrais, a composição de fontes de literatura em língua tupi e também, a oratória sagrada (MASSIMI, 2016).

Nesta perspectiva é que as produções de Vieira merecem grande destaque, pois seus sermões pregados nos mais diversos locais e tempos são muito bem construídos e possuem uma estrutura retórica extremamente reveladora do estilo de oratória sagrada seguido pela Companhia. O conteúdo das práticas oratórias são características da época, seguindo a tradição aristotélico-tomista quanto à visão de homem e de mundo e quanto à concepção da palavra voltada para a *metanoia*, ou conversão, dos ouvintes. É por abranger as complexas e diversas facetas desses conhecimentos e por atingir diretamente as práticas e os costumes culturais de seu tempo, que a pregação assume grande relevância. As produções de Vieira já foram extensamente estudadas por diversos pesquisadores (lembremos, dentre eles, PÉCORA, 2008).

Questões de método

Não podemos considerar somente o período em que o sermão foi escrito, mas também, como afirma Pécora (2008), levar em conta que este discurso foi proferido em tal tempo, por um Vieira que não era só padre, como era também católico, jesuíta, missionário e português. Isto se faz necessário para evitar o equívoco do presentismo, ou anacronismo histórico (HARTOG, 2010). Desse modo, é importante partir de conceitos e conhecimentos acerca do tempo histórico da escrita do sermão e também considerar que o próprio historiador é parte da História, ele também sujeito histórico,

necessitando de um esforço contínuo para afastar-se da visão contemporânea e mergulhar no período estudado com suas especificidades. Segundo De Certeau (1982), o historiador, ao analisar uma fonte, realiza a “operação histórica” a partir de seu próprio lugar de inserção no tempo histórico em que vive; de modo que seu trabalho historiográfico pode ser definido como um fazer singular, que busca o sentido da fonte analisada em um processo dinâmico, não aceitando passivamente os dados, mas os constituindo num constante diálogo moldado pelas perguntas que lhes serão colocadas. No caso da História Cultural, segundo o historiador francês, é necessário que se teçam as relações existentes entre a história dos conceitos – com seus significados e tudo aquilo que se diz pertencente ao campo do conhecimento de determinado tempo – e a história das práticas sociais presentes naquele mesmo universo espaço-temporal. É através destas relações que um universo rico de possibilidades de análise surge e é onde este trabalho tenta se inserir, buscando, no sermão escolhido, evidenciar os conceitos da filosofia aristotélico-tomista presentes na tradição retórico-oratória em que Vieira se inspira e examinando as repercussões que a prática da oratória sagrada de Vieira tem para os ouvintes.

Objeto de estudo: o sermão n. XIV do Rosário

Os sermões de Vieira foram pregados em uma multiplicidade de locais e para os mais diversos públicos. No trabalho em pauta, o sermão trabalhado é o XIV da Série do Rosário, de 1633, pregado à comunidade de escravos de um engenho da região de Plataforma do Recôncavo Baiano, sendo, como já foi dito, o primeiro sermão proferido por Vieira, inclusive antes de sua ordenação sacerdotal, por solicitação da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. Nesse sentido, é importante primeiro contextualizar o período em que o sermão foi pregado para situarmo-nos historicamente. Para isso nos valem da extensa pesquisa de Zeron (2009), em que o pesquisador descreve o posicionamento do Estado e da Igreja em relação à situação dos escravos no Brasil. Ambas as instituições só se manifestaram em relação ao tema por volta do fim do século XVII, em um modo que o autor considera como de complementariedade. A legislação portuguesa acerca do tratamento dado aos escravos buscava coibir o excesso de maus tratos. Como exemplo disso, temos a primeira lei promulgada para o Brasil pela Coroa de Portugal, dada pela Carta régia que data de 20 de março de 1688 (citado por Zeron, 2009, p.152): “ por ser informado que muitos dos moradores dessa capitania que têm

escravos lhes dão muito mau trato e os castigam com crueldade, o que não é lícito aos senhores dos tais escravos, porque só lhes podem dar aquele moderado castigo que é permitido pelas leis”.

A Coroa portuguesa buscava, com a promulgação das leis, não o fim dos castigos aos escravos – que eram de direito do senhor -, mas conter os excessos dos mesmos. Este interesse residia na crença da Coroa de que o excesso de castigo era a principal causa de revolta de escravos, fugas, formação de quilombos, mortes, suicídio, etc. Com a proibição de excesso, estas consequências poderiam ser atenuadas. Além disso, o Estado buscava com isso impor limites ao poder senhorial, para que este estivesse sempre submetido ao controle metropolitano. Entretanto, esta interferência no poder senhorial poderia causar choques na relação senhor-escravo; por isto, deveria ser feita de maneira relativamente discreta.

A Igreja também reconhecia os abusos, todavia sua crítica residia no descuido dos senhores em relação à vida religiosa de seus cativos, que deveriam ser evangelizados e viver segundo a doutrina católica. Essa legislação eclesiástica é representada pelas Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia.

Zeron (2009) se refere aos textos de de Benci e Andreoni: neles os dois jesuítas se dirigiam aos senhores, aconselhando que dispensassem um tratamento minimamente bom a seus cativos, e assim eles os considerariam dignos de respeito e reconheceriam os castigos como justos e merecidos, quando realizados de maneira menos agressiva. Além disso, Zeron cita o sermão de Vieira onde ele que se dirige aos escravos, pedindo paciência e comparando seu sofrimento ao martírio de Cristo, de forma que serão recompensados, inclusive estimulando-os para se empenharem em suas atividades religiosas.

Assim, fica evidente que as leis da Igreja buscavam a incorporação do negro cristianizado na Igreja Católica e as leis do Estado visavam a incorporação do negro no regime escravista.

Tendo esclarecido brevemente o contexto de produção, podemos nos atentar para o sermão propriamente dito. O sermão de Vieira, tal qual toda peça de oratória sagrada da época, se caracteriza por alguns elementos principais: exórdio (exposição), argumentação e amplificação. Segundo Massimi (2005), cabe à exposição a narração de algum acontecimento, ou a possibilidade de ocorrência de algo; a argumentação, por sua vez, tem o objetivo de buscar persuadir por meio de argumentos e uso da razão, “tornando crível o que era duvidoso”; já a amplificação se volta para a excitação do

ânimo dos ouvintes, especialmente movendo as paixões (ira, compaixão, tristeza, ódio, amor, esperança, medo, entre outros afetos), de modo que os argumentos colocados no plano racional logrem também impacto afetivo e obtenham a mudança dos costumes e a persuasão no plano doutrinário.

Em sua exposição inicial, Vieira apresenta a ocasião na qual o sermão é pregado, que corresponde ao dia de São João Evangelista, bem como seus destinatários: os escravos participantes da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário.

Neste ponto, Vieira já preanuncia a operação que o sermão irá realizar: pelo discurso engenhoso, unirá de certa maneira estes três eixos (São João, o Rosário e Nossa Senhora), a priori aparentemente inconciliáveis entre si:

Não é coisa nova, posto que grande e singular, que o Evangelista S. João receba em sua casa a Virgem Mãe de Deus e Mãe sua. Nem é coisa nova que as festas do mesmo S. João as honrem e autorizem a Virgem Santíssima com a majestade e favores de sua presença. Nem é coisa nova, finalmente, que o que havia de ser panegírico do Evangelista seja sermão do Rosário. Tudo isto, que já foi em diferentes dias, temos junto e concordado hoje no concurso da presente solenidade (p. 1).

Vieira se questiona sobre como adequar estes três elementos ao trecho do Evangelho proposto pela liturgia da Igreja na ocasião daquela solenidade, e que se refere ao nascimento do Cristo por Maria: “*Maria, de qua natus est Jesus, qui vocatur Christus*”. E para isto, utiliza-se de um jogo retórico, chamando a atenção para a construção que irá realizar em seu discurso: um teatro sacro e imaginário, no qual estes três elementos (= três “nascimentos”) poderiam ser parcimoniosamente unidos:

Um Filho nascido de Maria, multiplicando este nascimento em três nascimentos, este nascido em três nascidos, e este Filho em três filhos, todos três nascidos de Maria Santíssima, esta mesma será a matéria do sermão, dividido também em três partes. Na primeira, veremos com novo nascimento nascido de Maria a Jesus; na segunda, com outro novo nascimento, nascido de Maria a S. João; e na terceira, também com novo nascimento, nascidos de Maria aos pretos seus devotos (p. 2).

Na argumentação, Vieira busca persuadir os fiéis daquilo que lhes é apresentado no exórdio, com fins da reforma de costumes, buscando ‘acomodar’ o conteúdo proposto pelo sermão ao cotidiano dos escravos. Dos muitos recursos utilizados na composição do sermão pelos pregadores, a acomodação (*accomodatio*) é uma das que mais se destacam. A acomodação é uma norma retórica que diz respeito à adequação da fala ao público ao qual o sermão se dirige. Segundo Gontijo (2009), este recurso implica uma postura relacional entre pregador e ouvintes, e demanda, acima de tudo, o conhecimento da alteridade, para que aquilo que se fala seja compreensível no universo de significados do destinatário. É justamente por esta postura que um discurso pode

fazer sentido para o ouvinte. A arte do bem falar não é tarefa simples, e exige, assim como afirma Luís de Granada (apud MASSIMI, 2005), uma boa dose de juízo na etapa de formulação de um sermão, denominada “invenção”, que corresponde ao ato de fazer uso de sentenças claras e significativas, que estejam acomodadas ao fim pretendido e ao público destinatário da fala.

Além disso, na análise do sermão de Vieira, é importante levar em consideração os saberes psicológicos de seu tempo, inspirados na tradição aristotélico-tomista (MASSIMI, 2016). Esses saberes estavam relacionados com a teoria difundida na época e que de certa maneira influencia diretamente a construção do sermão em pauta, de que o homem só atinge o conhecimento através do plano sensitivo, isto é, pelos órgãos sensoriais. Deste modo, a elaboração do sermão, para que atinja a sensibilidade anímica de cada um dos fieis e conseqüentemente mova os afetos dos mesmos promovendo o ensinamento dos valores religiosos e a adesão às condutas pautadas nesses valores, deve se utilizar de instrumentos que atinjam os órgãos de sentido (MASSIMI, 2005). Especificamente, segundo as próprias formulações de Tomás de Aquino (apud MASSIMI, 2016), a captação de estímulos pelos órgãos externos imprime “fantasmas”, simulacros, nos órgãos internos. Estes fantasmas são as imagens e por isto o recurso iconográfico é muito utilizado pela retórica dos séculos XVI e XVII.

Para a compreensão das relações entre sentidos, imagens, imaginação e memória, os estudos de Carruthers (2011) são de extrema relevância, e são destacados como lente de análise deste estudo. A autora analisa essas relações nos saberes e práticas monásticas do medievo, focando um tipo de exercício retórico frequente naquelas comunidades que a autora denomina de *ortopraxis* – “conjunto de experiências e técnicas concebido como um ‘caminho’ a ser seguido, o qual leva o praticante a reviver a trajetória do fundador até a iluminação”. Esta tradição tem continuidade até na inspiração da composição dos Exercícios espirituais de Loyola, de modo que Vieira herda-a e utiliza-a em sua pregação. Por isto, em seus sermões, emprega as imagens verbais tendo em vista promover certo percurso espiritual e psicológico nos ouvintes. No caso do sermão aos escravos por nós analisado, ao afirmar que suas vivências de sofrimento são semelhantes as que Cristo experimentou no Calvário, Vieira descreve em pormenor tais sofrimentos utilizando-se de muitas imagens, de modo que estas, além de ser um instrumento persuasivo, movem os sentidos internos (como a memória) dos ouvintes.

A memória, segundo Carruthers, longe de ser um processo meramente mecânico aprisionando padrões de repetição no pensamento, como pretendia Francis Yates, é um turbilhão mais ou menos desordenado de imagens que se colocam à frente do ouvinte quando solicitado pelas palavras ouvidas. Para Carruthers (2011), as imagens são estruturas que se constituem enquanto caminho e base para a composição mental tanto de pensamentos como de orações. Na composição retórica de Vieira, vemos que através das imagens ele busca aproximar realidades distantes (ex: Cristo e escravos), sem compromisso com a verdade fatural, mas sim visando lograr o efeito de mover os afetos. Carruthers (2011) afirma:

Uma imagem cognitiva é propositadamente funcional (embora seu autor possa ter também algumas aspirações epistemológicas para ela). Na retórica monástica, uma imagem assim pode ter efeitos tanto retóricos quanto pedagógicos, mas esses efeitos têm lugar dentro da mente alerta e da emoção 'colorida' daquele que a vê/ouve. A imagem é usada por seu criador – e por sua audiência, se tiver uma forma artística – como ferramenta cognitiva. A primeira pergunta que devemos fazer sobre tal imagem não é 'O que ela significa?', mas sim 'Para que ela serve?'(p. 178)

No sermão de 1633, Vieira, buscando uma boa acomodação da fala para o público ao qual se dirige, opta pelo uso massivo de construção de imagens para que estas se prestem ao serviço do bom entendimento e da conversão, explorando o potencial que elas possuem de mover os ânimos dos ouvintes, inclusive as faculdades intelectivas dos mesmos.

Na composição retórica, as imagens não são materiais, mas construídas através da metáfora. Isto não significa, no entanto, que sejam menos tocantes. Segundo Mahfoud, 2001: “A tradição vai mostrá-lo como uma pessoa andando pelas ruas do lugar. Vai mostrar aquele mistério presente nesse espaço de vida cotidiana tão familiar”. Nesse sentido, enquanto em festas tradicionais são mostradas estátuas de Cristo crucificado, na oratória sagrada para fins da *metanoia*, são igualmente evocadas imagens mentais. Estas imagens têm poder de mover paixões e promover a conversão, além de terem a característica de seguir o princípio da acomodação, que como vimos se constitui enquanto a arte de bem falar de maneira adequada ao público que o sermão se dirige.

A construção retórica desenvolvida por Vieira está comprometida com uma práxis reformadora dos costumes e atitudes, voltada para uma teleologia: o fim último da realidade terrena é o divino, Deus (PÉCORA, 2008). Neste sentido, seu discurso, antes de ser uma peça literária, tem um valor sacramental, sinalizando a presença do divino no mundo. Desse modo, um sermão que se constitui unicamente por

rebuscamento e carregado de expressões que beiram o parnasianismo não pode ser considerado eficaz, se não obedecer ao objetivo principal de sinalizar o divino e mover os ânimos dos ouvintes. É neste sentido que o reconhecimento da importância da visão sacramental que perpassa a obra de Vieira está - considerando a personalidade que foi, no local e tempo em que pregou - em contraposição com interpretações amplamente anacrônicas e presentistas, que procuram nessa somente e “estetização da experiência estética como esfera autônoma” (PÉCORA, 2008, p. 34) e a mera função política das palavras.

Desta forma, Vieira emprega amplamente as imagens no sermão em pauta para a elaboração de seus fins anteriormente discutidos. Em sua construção, utiliza-se da ocasião – prega a uma Irmandade do Rosário – para escolher as imagens que moveriam os ânimos de forma mais eficaz. Assim, as imagens de Cristo no Calvário e de Maria como figura materna e também sofredora, se destacam, como no trecho a seguir:

Nem basta por distinção o declarar que era Filho de Maria, e de Maria nascera: Maria, de qua natus est - porque no mesmo lugar do Calvário, onde Cristo, enquanto Jesus, nasceu segunda vez de sua Santíssima Mãe - como dissemos - também S. João, com segundo nascimento, nasceu da mesma Senhora, sendo João desde aquele ponto filho de Maria: Ecce filius tuus - e Maria, Mãe de João: Ecce Mater tua - e por isso, no mesmo tempo e no mesmo lugar, Mãe de dois Jesus: um Jesus que se chama João, e outro Jesus que se chama Cristo: De qua natus est Jesus, qui vocatur Christus. (p. 5)

Para promover a proximidade dos escravos com a figura de Cristo, Vieira através do discurso engenhoso leva a discussão para o campo da etimologia. Utilizando-se de uma passagem bíblica, na qual Davi se refere aos trabalhadores braçais como filhos de Coré, que em sua origem hebraica significa Calvário:

Tornando aos salmos compostos para os engenhos - que depois veremos por que foram três - declara Davi no título do último quem sejam os operários destas trabalhosas oficinas, e diz que são os filhos de Coré: Pro torcularibus fillis Core (SI. 83, 1). - Segundo a propriedade da história, já dissemos que os filhos de Coré são os pretos, filhos da Virgem Santíssima, e devotos do seu Rosário. Segundo a significação do nome, porque Coré na língua hebraica significa Calvário, diz Hugo Cardeal que são os imitadores da Cruz e Paixão de Cristo crucificado: Filiis Core, id est, imitatoribus in loco Calvariae crucifixi. (p. 10)

E o pregador continua: ampliando seu argumento para uma imagem que atualiza o seu discurso, evoca a condição de escravidão em que se encontram seus ouvintes e ao mesmo tempo passa imediatamente a promover a possibilidade de ressignificação dessa vivência através da imitação do exemplo de Cristo:

Não se pudera nem melhor nem mais altamente descrever que coisa é ser escravo em um engenho do Brasil. Não há trabalho nem gênero de vida no mundo mais parecido à Cruz e Paixão de Cristo que o vosso em um destes engenhos. O fortunati nimium sua si bona norint! Bem-aventurados vós, se soubéreis conhecer a fortuna do vosso estado, e, com a conformidade e imitação de tão alta e divina semelhança, aproveitar e santificar o trabalho! (p. 10)

Prosseguindo promover um processo de identificação entre a condição da escravatura e a dor vivenciada por Cristo, Vieira descreve a vida cotidiana de um escravo no Brasil contemporâneo, utilizando-se do recurso da *compositio loci*:

E que coisa há na confusão deste mundo mais semelhante ao inferno que qualquer destes vossos engenhos, e tanto mais quanto de maior fábrica? Por isso foi tão bem recebida aquela breve e discreta definição de quem chamou a um engenho de açúcar doce inferno. E, verdadeiramente, quem vir na escuridade da noite aquelas fornalhas tremendas perpetuamente ardentes; as labaredas que estão saindo a borbotões de cada uma, pelas duas bocas ou ventas por onde respiram o incêndio; os etíopes ou ciclopes banhados em suor, tão negros como robustos, que soministram a grossa e dura matéria ao fogo, e os forçados com que o revolvem e atijam; as caldeiras, ou lagos ferventes, com os cachões sempre batidos e rebatidos, já vomitando escumas, já exalando nuvens de vapores mais de calor que de fumo, e tornando-os a chover para outra vez os exalar; o ruído das rodas, das cadeias, da gente toda da cor da mesma noite, trabalhando vivamente, e gemendo tudo ao mesmo tempo, sem momento de tréguas nem de descanso; quem vir, enfim, toda a máquina e aparato confuso e estrondoso daquela Babilônia, não poderá duvidar, ainda que tenha visto Etnas e Vesúvios, que é uma semelhança de inferno. (p. 13)

Este recurso da composição de lugar é utilizado pelos pregadores desde sua formação na Companhia, nos estudos dos Exercícios Espirituais, o que reflete na elaboração de suas obras sermonísticas após sua ordenação sacerdotal. Trata-se da formulação de uma localidade que através das palavras e do discurso engenhoso possa suscitar as faculdades da memória e da imaginação, potencializando o discurso e a ideia que se pretende passar. Este recurso é representado pela passagem descrita, na medida que Vieira organiza uma imagem do trabalho dos escravos em comparação com o Inferno, que é uma clara referência no uso dos termos pelo autor.

No entanto, não é apenas Cristo a figura proposta por Vieira para que ocorra uma identificação. Na tradição do catolicismo da época, a Virgem Maria é tida como uma “figura exemplar” para todo cristão (MASSIMI, 2005). Além disso, o significado que Maria carrega para os cristãos é de uma “mediadora entre a fragilidade e a pobreza do homem e sua condição original de filho de Deus” (MASSIMI, 2005: 219). Esta é uma das razões pelas quais Vieira se utiliza tanto das imagens de Maria, que no caso da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário destinatária da peça, tem ainda mais peso, o orago agregando-se à condição humana e social dos escravos. Isto é ilustrado pelo seguinte trecho: “Oh! quão adoçada ficará a dureza, e quão enobrecida a vileza dos

vossos trabalhos, na harmonia destas vozes do céu, e quão preciosas serão diante de Deus as vossas penas e aflições, se juntamente lhas oferecerdes em união das que a Virgem Mãe sua padeceu ao pé da cruz! (p. 11)”

Portanto, frequentes são as imagens de Cristo no Calvário padecendo de todas as dores da vivência da Paixão, bem como das outras personagens do drama evangélico.

Vieira apresenta aos escravos tais imagens visando promover a prática da devoção do Rosário¹, sobretudo a meditação dos mistérios dolorosos², cujo objeto é a contemplação das cenas do Calvário. A prática do Rosário seria assim um exercício de *ortopraxis*, no sentido de proporcionar aos orantes a experiência da união de suas penas às das três figuras apresentadas no sermão, Cristo, João e Maria, no nível da sensibilidade, do afeto e do entendimento, como podemos observar no trecho a seguir:

E se me perguntarem os curiosos quando alcançaram os pretos esta dignidade de filhos da Mãe de Deus, respondo que no monte Calvário e ao pé da cruz, no mesmo dia e no mesmo lugar em que o mesmo Cristo, enquanto Jesus e enquanto Salvador, nasceu com segundo nascimento da Virgem Maria: Maria, de qua natus est Jesus, qui vocatur Christus. (p. 5; p. 6)

Neste excerto, Vieira, além de remeter à identificação dos escravos daquele engenho com a figura de Cristo, quanto à vivência da dor, retorna ao argumento de sua filiação à Virgem Maria, ampliando o poder persuasivo da imagem proposta.

Dentre outros, foca a figura de João, um dos discípulos de Cristo e também espectador das cenas da Paixão, assim como o são os ouvintes do sermão. João presenciou a Paixão de Cristo não de modo passivo, de modo que sua assistência era também participação aos sofrimentos dele:

A todos os mistérios dolorosos - e não assim aos outros - se achou presente São João. Assistiu ao do Horto com os dois discípulos; assistiu ao dos açoites com a Virgem Santíssima no Pretório de Pilatos; assistiu do mesmo modo e no mesmo lugar à coroação de espinhos; seguiu ao Senhor com a Cruz às costas até ao Monte Calvário; e no mesmo Calvário se não apartou do seu lado até expirar e ser levado à sepultura (p. 12).

Desse modo, a imagem de João ao lado da Cruz evoca o misterioso intercâmbio entre as dores humanas e as dores divinas. A parte que se segue a este trecho explicita serem objeto deste intercâmbio especialmente as dores de quem vive no estado de “catividade³”:

Estes foram os mistérios próprios do Discípulo amado, que, como a dor se mede pelo amor, a ele competiam mais os dolorosos. Estes foram os seus, e estes devem ser os vossos, e não só por devoção ou eleição, nem só por condição e semelhança da vossa

cruz, mas por direito hereditário, desde o primeiro etíope ou preto que conheceu a Cristo e se batizou. É caso muito digno de que o saibais (p. 12).

Neste trecho, Vieira insinua que a catividade dos escravos não seria total. O argumento colocado por Vieira é o de que, tal qual Cristo padeceu na vida terrena para a salvação, todos os trabalhos forçados que os escravos são obrigados a fazer e a dor (“cruz”) que carregam, envolvem apenas a escravidão do corpo, mas que por outro lado, quando cristãos convertidos, obteriam pelo sofrimento do corpo, a salvação da alma, a liberdade do espírito na vida eterna. Isso pode ser visto também no trecho: “E como todos os cristãos, posto que fossem gentios e sejam escravos, pela fé e batismo estão incorporados em Cristo, e são membros de Cristo, por isso a Virgem Maria, Mãe de Cristo, é também Mãe sua, porque não seria Mãe de todo Cristo se não fosse Mãe de todos seus membros” (p. 6).

E Vieira potencializa a promessa desta liberdade possível na vida eterna pela amplificação retórica, ao contrapor a condição dos escravos com a dos senhores de engenho:

Eles mandam, e vós servis; eles dormem, e vós velais; eles descansam, e vós trabalhais; eles gozam o fruto de vossos trabalhos, e o que vós colheis deles é um trabalho sobre outro. Não há trabalhos mais doces que os das vossas oficinas; mas toda essa doçura para quem é? Sois como as abelhas, de quem disse o poeta: Sic vos non vobis mellificatis, apes. - O mesmo passa nas vossas colmeias. As abelhas fabricam o mel sim, mas não para si. (p. 14)

E continua seu exemplo afirmando que se desfrutassem da oportunidade de santificação no sofrimento, tal qual exemplo de Cristo, sua eternidade seria gloriosa, horizonte que se difere daqueles que só gozam em vida terrena, tal quais seus senhores:

Oh! como quisera e fora justo que também vossos senhores consideraram bem aquela consequência: Si tamen compatimur ut et conglorificemur. - Todos querem ir à glória e ser glorificados com Cristo, mas não querem padecer nem ter parte na cruz com Cristo. Não é isto o que nos ensinou a Senhora do Rosário na ordem e disposição do mesmo Rosário. Depois dos mistérios gozosos pôs os dolorosos, e depois dos dolorosos os gloriosos. Por quê? Porque os gostos desta vida têm por consequência as penas, e as penas, pelo contrário, as glórias. E se esta é a ordem que Deus guardou com seu Filho e com sua Mãe, vejam os demais o que fará com eles. Mais inveja devem ter vossos senhores às vossas penas do que vós aos seus gostos, a que servis com tanto trabalho. (p. 14)

Trata-se em suma de uma “incorporação” dos escravos (cativos) na pessoa do próprio Cristo através das imagens constituídas com o intuito de promover a identificação.

É importante evidenciar a escolha dos termos que Vieira realiza ao longo de seu sermão para se referir aos seus ouvintes. Na tabela em que se segue, trazemos os diferentes nomes dados aos ouvintes e sua ocorrência ao longo do sermão:

Termo de tratamento	Ocorrência ao longo do sermão
Escravos	3
Cativos	2
Pretos	28
Etíopes	9

Tabela 1: Número de ocorrência de cada termo de tratamento

É interessante notar que mesmo que o sermão se refira à escravidão e aos significados atribuídos a ela, Vieira em poucos momentos se utiliza de termos que remetam diretamente a esta condição. Tal aspecto pode ser consequência da intenção de mostrar aos ouvintes que o pregador está se dirigindo a um público composto por pessoas, antes do que por escravos, assinalando assim que os escravos logram plenamente da condição de pessoas humanas. Vieira também se refere aos ouvintes como a membros de um grupo social, a Irmandade, querendo assim imprimir um significado de identidade, de união entre os membros daquele grupo organizado nessa forma, sendo que tal associação possui como um dos objetivos, a promoção do bem-comum e o fortalecimento de seus membros. Ao utilizar com frequência o termo “pretos”, Vieira evidencia o elemento que torna os ouvintes um grupo homogêneo. Tal efeito se potencializa quando ele também se utiliza de um termo que remete a um passado identitário importante, a origem africana - perdido na condição de escravos - ao trata-los como “povos etíopes”. Possivelmente, o uso dessas diferentes palavras pretendia evocar diferentes tipos de movimento de afetos nos ouvintes.

Considerações Finais

Concluimos que o uso de imagens por Vieira no sermão abordado é um dos recursos mais relevantes, como tínhamos como hipótese inicial baseada nos estudos de Massimi (2005 e 2016) e também de Carruthers (2011). As imagens tratadas no sermão

trazem consigo forte apelo ao dinamismo psíquico na perspectiva da psicologia filosófica aristotélico-tomista, potencialmente tocando a sensibilidade anímica dos ouvintes presentes na ocasião e tornando possível a reforma de costumes.

Vimos também que Vieira busca através das palavras induzir significados à condição vivenciada pelos ouvintes, de modo a associa-la à vivência de Cristo, associação esta que seria capaz de transformar a vivência sofrida da escravidão agregando-lhes numa perspectiva de salvação da alma. A oração do Rosário através da evocação das cenas do sofrimento de Cristo proporcionada pelo dinamismo da imaginação e da memória seria a prática propícia para realizar tal associação de modo vivencial.

Além do mais, Vieira reforça, pelo uso dos termos, o pertencimento dos ouvintes à Irmandade, assim como a consciência da origem africana da identidade de seus membros. Assim, busca evidenciar a identidade social e cristã que, para além da escravidão, caracteriza a condição de seus ouvintes, identidade capaz também de significar seus sofrimentos.

Por fim, podemos concluir que, dada a relevância do sermão analisado tanto no campo da retórica quanto na construção de uma ordem social no Brasil Colonial, a presente pesquisa ao contribuir na reconstrução da história da região da Plataforma do Recôncavo Baiano, possa auxiliar na valorização deste espaço reconhecido por sua riqueza cultural e histórica, colaborando com as iniciativas já realizadas nessa comunidade por outros pesquisadores (Santos, 2010), no fortalecimento da identidade local e do pertencimento à raízes historicamente significativas.

Referências

- BARÓ, Ignacio. Rumo a uma Psicologia da Libertação (P. R. A. Pacheco, trad.). Em Ignacio Martín Baró. *Psicologia de La Liberación*, 283-302. Valladolid: Editorial Trotta, 1998.
- CARRUTHERS, M. *A técnica do pensamento*. (J. E. Maiorino, trad). Campinas: Editora da Unicamp, 2011.
- CERTEAU, Michel. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora Forense, 1982.
- GONÇALVES, Francolino. Exílio babilônico de «Israel». Realidade histórica e propaganda. *Cadmo, Revista do Instituto Oriental* - Universidade de Lisboa, 2000. Disponível em: https://impactum.uc.pt/files/previews/84177_preview.pdf. Acessado em 20 jul. de 2016.
- GONTIJO, Sandro Rodrigues. Persuasão e acomodação retórica no sermão da epifania de Antônio Vieira. Em: *Revista Brasileira de História das Religiões – ANPUH*,

2009. Disponível em:
http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/rbhr/persuasao_e_acomodacao_retorica.pdf.
Acessado em 25 de agosto de 2015.
- HARTOG, François. Tempo, História e a Escrita da História: A Ordem do Tempo. Em: *Revista de História*, São Paulo, 2003. Disponível em:
<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18952/21015>. Acessado em 25 de agosto de 2015.
- MAHFOUD, Miguel. Emoções e Imagens sagradas em festa popular brasileira de origem barroca. Em: *Os olhos vêem pelo coração- Conhecimento psicológico das paixões na história da cultura brasileira dos séculos XVI A XVII*. (Massimi, M. & Silva, P. J. C, orgs). Ribeirão Preto: Editora Holos, 2001.
- MASSIMI, Marina. *Saberes Psicológicos no Brasil: História, Psicologia e Cultura*. Ribeirão Preto: Editora Juruá, 2016.
- _____. *Palavras, almas e corpos no Brasil colonial*. São Paulo: Editora Loyola, 2005.
- OLIVEIRA, Paola Lins. Circulação, usos sociais e sentidos sagrados dos terços católicos. *Religião e Sociedade*, 2009. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-85872009000200005&script=sci_arttext&tlng=pt. Acessado em: 20 jul. de 2016.
- PACHECO, Paulo Henrique Silva. A origem branca da devoção negra do rosário. *Revista Tempo de conquista*, 2010. Disponível em:
http://www.revistatempodeconquista.com.br/attachments/File/Paulo_Henrique_Pacheco.pdf. Acessado em 20 jul. de 2016.
- PÉCORRA, Alcir. *Teatro do Sacramento: a unidade teológico-retórico-política dos sermões de Antônio Vieira*. Campinas: Editora da UNICAMP; São Paulo: Editora da USP, 2008.
- SANTOS, José Eduardo Ferreira. *Cuidado com o vão- Repercussões do homicídio entre jovens da periferia*. Salvador: Editora Edufba, 2010.
- VIEIRA, Antônio. Sermão XIV na Bahia, à irmandade dos pretos de um Engenho em dia de São João Evangelista, 1633. Disponível em:
<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/fs000032pdf.pdf> .
- ZERON, Carlos Alberto de Moura Ribeiro. A construção de uma ordem colonial nas margens americanas do Império português: discussões sobre o “bem comum” na disputa de moradores e jesuítas pela administração dos índios (séculos XVI-XVIII). Tese de livre-docência, FFLCH, São Paulo, 2009.

Caio César Carvalho ; Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto,
Universidade de São Paulo – Campus de Ribeirão Preto. E-mail:
ccesarcarvalho@hotmail.com

Marina Massimi: professora titular do Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo – Campus de Ribeirão Preto. Email: mmassimi3@yahoo.com

¹ Trata-se de um símbolo de devoção que segundo Pacheco (2010) tem origem incerta, mas que consiste basicamente no hábito de orar 150 ave-marias divididas em três grupos de cinquenta, já evidenciando que se trata de uma devoção à Virgem Maria;

² Segundo Oliveira (2009), nos rituais de oração, no uso do rosário como instrumento para a contagem das preces, os mistérios se colocam como o processo de contemplação de partes das vidas de Cristo e Maria, sendo divididos em gozosos, gloriosos e dolorosos. Este último que citamos nesta pesquisa se trata da mentalização das cenas de Cristo no calvário.

³ Este termo, na tradição bíblica, remetia ao passado de deportação do povo judeu para a Babilônia, fato que faz Vieira tratar como paralelo à situação daqueles escravos, levados a força da África para o Brasil para os trabalhos forçados (para maiores informações, vide Gonçalves, 2000)